

Sobre o instinto de americanidade da crítica literária romântica brasileira: Antonio de Macedo Soares (1838-1905)

Luiz Roberto Cairo

Resumo: O presente trabalho pretende refletir sobre o americanismo ou instinto de americanidade, sentimento de pertença ao continente americano, que se manifesta paralelamente à construção da nacionalidade na literatura, conforme se observa na leitura de textos de críticos românticos brasileiros, como Macedo Soares. **Palavras-chave:** instinto de americanidade, romantismo brasileiro, Antonio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905).

Abstract: *This work intends to reflect on the American feeling or instinct of American identity, sense of collective belonging to the American continent, which is manifested in parallel with the construction of the nationality in Brazilian literature, as seen in the texts of romantic Brazilians critics, such as Macedo Soares. **Keywords:** instinct of American identity, Brazilian Romanticism, Antonio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905).*

Como brasileiro, uma questão que sempre me intrigou diz respeito a nossa condição americana que, frequentemente, é escamoteada. Americanos são os falantes de línguas espanhola, francesa e inglesa que habitam a América, ou seja, os outros, enquanto nós somos simplesmente brasileiros. Em algum momento, perdemos nossa dimensão continental, talvez até pela extensão territorial, uma vez que ocupamos 70% do espaço sul-americano. O Brasil é uma nação verdadeiramente *sui generis*, que não costuma se identificar nem tampouco se ver como América, pois a expressão é sempre usada para nomear a América Hispânica, o Canadá, e principalmente os Estados Unidos da América do Norte.

O olhar do brasileiro em relação à condição de americano, ou simplesmente o modo que o brasileiro se identifica ou não se identifica com os demais povos do continente americano, funciona mesmo como preâmbulo para as considerações que passo a discorrer ao longo deste texto em que procuro refletir sobre o americanismo na crítica literária brasileira, em particular nos textos do crítico romântico Antonio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905).

O termo *americanismo*, no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, tanto pode significar “admiração, mania ou imitação das coisas e do estilo de vida da América”, “tudo aquilo que caracteriza o continente americano, especialmente os Estados Unidos da América, ou que se relaciona com suas instituições, cultura, tradição etc.”, quanto “conjunto de ciências e estudos que têm por objetivo o conhecimento do continente americano”, ou ainda, como sinônimo de americanidade, no sentido simplesmente de “sentimento de apreço pelo continente americano”.¹

Americanismo ou americanidade são expressões que vêm de *americano*, significando dentre outras acepções: “relativo à América ou a qualquer país desse continente, ou o que é seu natural ou habitante”, podendo ainda expressar “relativo aos Estados Unidos da América, ou o que é seu natural ou habitante; estadunidense, norte-americano, ianque”. Essas expressões não devem, porém, ser confundidas com *americanização*, que significa “ato ou efeito de americanizar-se”, mais precisamente, no contexto em que vivemos, ação ou efeito de “tornar(-se) semelhante aos americanos, especialmente os dos Estados Unidos da América; adaptar(-se) aos modos, costumes ou estilo de vida dos americanos, especialmente os dos Estados Unidos da América”.²

Americanidade ou mesmo *instinto de americanidade*, como costume nomear, significa, se tomarmos o signo *instinto* no sentido dicionarizado de “impulso interior

1 HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 187.

2 Idem.

independente da razão e de consideração de ordem moral que faz o indivíduo agir”;³ ou simplesmente de intenção, de “sentimento de pertença à América”,⁴ que se manifesta tanto em textos poéticos de autores que escreveram no Brasil desde os tempos coloniais, quanto em textos da crítica literária brasileira do momento romântico, quando já não aparece tão espontaneamente, mas, arrisco dizer, de maneira mais consciente e programada, contribuindo para a formação da identidade de uma literatura então em construção, caminhando passo a passo com o que Machado de Assis chamou de instinto de nacionalidade, no clássico ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (1873), ou seja, “certo sentimento íntimo”, que torna o escritor brasileiro “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”,⁵ conforme constatação feita no mesmo texto de que: “Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional”.⁶

Daí a necessidade de voltar o olhar para este instinto na tentativa de traçar uma possível genealogia do conceito de americanidade, que, embora estivesse tão presente no momento romântico, parece ter-se esmaecido na memória dos brasileiros e mesmo ao longo da história de sua literatura tão pontuada de signos americanos, como: *A confederação dos Tamoios* (1856), de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-82); *A lágrima de um caeté* (1849), de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-85); *As americanas* (1856) e *Colombo ou O descobrimento da América* (1854), de Joaquim Norberto de Sousa e Silva (1820-91); *Colombo* (1866), de Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-79); *Iracema* (1865), de José de Alencar; os “poemas americanos” de *Primeiros cantos* (1846), *Segundos cantos* (1848), *Últimos cantos* (1851) e *Os Timbiras* (1857), de Gonçalves Dias (1823-64); *O livro e a América* (1870), de Castro Alves (1847-71); *Vozes da América* (1864) e *Anchieta ou O evangelho da selva* (1875), de Fagundes Varela (1841-75); *O guesa errante* (1874-7), de Sousândrade (1832-1902); *Americanas* (1875), de Machado de Assis (1839-1908); e tantos outros.

Em artigo publicado n’*O Estado de S. Paulo*, de 13 de novembro de 1977, sob o título “Cristóvão Colombo”, o crítico e historiador Hélio Lopes (1919-92) definiu o

3 Idem, p. 1627.

4 BERND, Zilá e CAMPOS, Maria do Carmo (Orgs.). *Literatura e americanidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 5.

5 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obras completas* (Org. A. Coutinho), vol. III. Rio de Janeiro, 1962, p. 804.

6 Idem.

americanismo como uma exaltação do continente americano, visto como um dos aspectos do nacionalismo romântico brasileiro. O americanismo vem à tona, do seu ponto de vista, “Quando os nossos poetas ou romancistas engrandecem a própria terra, reassumem a visão paradisíaca das crônicas e dos poemas dos séculos coloniais, realçando ou acrescentando-lhes agora a melodia nova do orgulho do berço e da posse”⁷

Esta tendência não se restringiu, contudo, aos limites das terras brasileiras apenas, mas se estendeu principalmente pela América Latina, a ponto de Lopes considerar a existência de dois ângulos distintos no americanismo: “[...] o culto da natureza virgem e grandiosa, não necessariamente exótica em oposição à natureza europeia, embora esta fisionomia se possa distinguir, e o culto dos heróis nacionais. Confluem estes dois ramos para a exaltação única da Liberdade”⁸

Vale ressaltar, porém, o fato curioso de que ele viu neste americanismo dos românticos brasileiros uma usurpação mesmo do termo América dos hispano-americanos, ao registrar que: “Tomamos então para nosso uso a cordilheira dos Andes, o condor e os vulcões. E chega-se a roubar o próprio nome da América para restringi-lo ao Brasil”⁹

Exemplificando com o poema *Anchieta ou O evangelho na selva* (1875), de Fagundes Varela, no qual a América se apresenta primeiro, no Canto II, como uma reminiscência clássica, bíblica, da terra prometida, e no fechamento do poema, no Canto X, confundindo-se com o Brasil, aos olhos de Anchieta moribundo, ela aparece como “o império da Lei, – a majestade/ Suprema da Justiça”, casando-se “com os ideais românticos também quando se caminha para o passado, na revivescência das lendas primitivas, na procura do berço das raças antigas”¹⁰

No fundo, Lopes procura mostrar, apoiado no texto *De la Poesía en el Brasil* (1855), do escritor espanhol Juan Valera y Alcalá Galiano (1824-1905), cujos fragmentos foram publicados na revista *O Guanabara* (1849-56), a existência de uma épica romântica brasileira, pouco explorada pelos pesquisadores da nossa literatura, da qual o poema *Colombo* (1866), de Manuel de Araújo Porto-Alegre, pode ser visto como um dos produtos mais significativos, e que é fruto do gosto português, pois, de acordo com

7 LOPES, Hélio. Cristóvão Colombo. In: *Letras de Minas e outros ensaios* (Org. Alfredo Bosi). São Paulo: Edusp, 1997, p. 283.

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem, p. 284.

a avaliação de Fidelino Figueiredo (1889-1967), “o feito de Colombo não despertou na Espanha uma épica de aventura marinha como a tiveram os portugueses”.¹¹

A observação de Lopes diz respeito principalmente aos textos poéticos românticos; no entanto, venho observando que, também na crítica, quase todos os textos da fase que costumo chamar dos Bosquejos, Parnasos e Panteons, o americanismo, de alguma forma, estavam presentes em diferentes graus, ao lado do instinto de nacionalidade, haja vista o “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil” (1836), de Domingos José Gonçalves de Magalhães, publicado em Paris, na *Niterói, Revista Brasiliense* (1836), ou mesmo “Da nacionalidade da literatura brasileira” (1843), de Santiago Nunes Ribeiro (?-1847), publicado no *Minerva Brasiliense* (1843-5), ambos tidos como verdadeiros manifestos da literatura brasileira romântica.

Nesta mesma direção, Afrânio Coutinho em *A tradição afortunada*, ensaio memorável sobre o espírito de nacionalidade na crítica brasileira, já havia observado que, na primeira metade do século XIX, “[...] a literatura brasileira – para ser brasileira ou nacional, como queriam os escritores inspirados pela poética romântica – tinha que olhar em torno e reproduzir a paisagem *americana* a fim de adquirir a cor local necessária à sua caracterização nacional”.¹²

No momento romântico, conforme verbete da *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, chegou-se mesmo a constatar o uso do termo *americanas* como designação de um tipo de produção poética:

Termo geralmente usado durante o romantismo, no Brasil, para designar a produção literária, particularmente de poesia, tendo em vista caracterizar o aspecto *americano* ou *brasileiro* daquela poesia. Indica a tendência nacionalista ou antilusa daquela época que procurava acentuar a incorporação dos aspectos locais (costume, flora, paisagem) à literatura. O próprio Almeida Garrett, no prefácio do *Parnaso Lusitano*, conclamou os escritores brasileiros a usarem mais a Natureza brasileira nas suas produções literárias. Entre outros, Gonçalves Dias e Machado de Assis empregaram a denominação *poesias americanas* para designar uma parte de sua produção poética, seguindo a tendência geral.¹³

11 Idem.

12 COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1968, p. 67.

13 COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de (Dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001, 2. ed. rev., ampl. e ilustr. (Coord. Graça Coutinho e Rita Moutinho), v. 1, p. 222.

Esta tendência americanista, de feição nacionalista ou antilusa, tem uma dimensão continental, na medida em que se observa a publicação de antologias que expressam esse sentimento, também na América Hispânica: *América poética*, *Colección escojida de composiciones en verso, escritas por americanos en el presente siglo* é uma delas. Organizada pelo crítico argentino Juan María Gutiérrez, esta antologia teve sua primeira edição em fascículos, publicados, entre fevereiro de 1846 e junho de 1847, pela Imprensa de *El Mercurio*, de Valparaíso, no Chile, e a segunda edição, já no formato de livro, em 1866, publicada pela Imprensa de Mayo, de Buenos Aires. *América poética* reúne poemas de 53 poetas, sendo catorze da Argentina, onze do México, cinco do Chile, cinco do Uruguai, quatro de Cuba, três da Bolívia, três da Colômbia, três do Peru, três da Venezuela, um do Equador e um da América Central. Constitui a primeira coletânea sistemática de poesia americana em língua espanhola e busca sintetizar “a progressiva ascensão da inteligência americana”, conforme aponta o crítico José Enrique Rodó, no ensaio “Juan María Gutiérrez (Introducción a un estudio sobre literatura colonial)”¹⁴.

Em 1883, ainda na Argentina, Francisco Lagomaggiore organiza e publica *América literaria*, uma antologia de textos em prosa e verso, onde aparecem, pela primeira vez, poemas de escritores brasileiros, e, em 1897, Carlos Romagosa organiza e publica, em Córdoba, *Joyas poéticas americanas*, uma coletânea de poemas onde se incluem textos do poeta norte-americano Edgar Allan Poe, traduzidos para o espanhol, ampliando assim o espectro da dimensão continental dessas antologias de textos americanos.

Dizer, portanto, que os escritores românticos brasileiros andaram usurpando o termo *América* dos hispano-americanos me parece não fazer muito sentido, pois o instinto de americanidade foi uma sugestão romântica europeia acatada, pelo visto, por todo o continente americano.

Em texto clássico sobre o romantismo brasileiro, o crítico Antonio Soares Amora (1917-99) observou com propriedade que:

Quem sabe o que foi na Europa do fim do século XVIII e principalmente do começo do século XIX o crescente movimento de simpatia e até de entusiasmo por tudo que era a originalidade do mundo americano – sua natureza, suas culturas exóticas, a pureza e o

14 MEDINA, José Ramón (Dir.). *Diccionario enciclopédico de las letras de América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho; Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1995, v. I, p. 211.

sentimento de liberdade de seus *bons selvagens* – de pronto compreende o espírito com que todos os viajantes europeus viram, na época, o Brasil.¹⁵

A partir da leitura de um capítulo do livro *La littérature comparée*, de M. F. Guyard, sobre o tema viagens como marca de presença estrangeira nas diferentes literaturas, o crítico Brito Broca (1903-61) fez uma curiosa reflexão sobre os influxos estrangeiros das viagens na literatura brasileira, arriscando entre outras coisas que, no período colonial, “as viagens a Portugal eram não somente elementos de influência como condição quase essencial para que um brasileiro viesse a produzir obra literária”,¹⁶ haja vista Santa Rita Durão e Basílio da Gama, e, após a independência, no período nacional, as viagens, de início, preferencialmente, à França e depois a outros países da Europa e de outras partes do mundo, inclusive do continente americano, passam a fazer parte do universo dos intelectuais brasileiros que vão buscar as novas teorias poéticas a serem introduzidas no Brasil.

Esta tendência que modifica o fluxo de influência portuguesa na literatura brasileira pode ser observada na trajetória da obra de vários críticos do momento romântico, desde os já citados Domingos José Gonçalves de Magalhães, Santiago Nunes Ribeiro, passando por Joaquim Norberto de Sousa Silva, Antonio Gonçalves Dias, Antonio Joaquim de Macedo Soares, dentre outros.

Neste texto, no entanto, tecerei considerações sobre o instinto de americanidade, que se manifesta paralelamente à construção da nacionalidade da literatura brasileira, conforme se observa na leitura de alguns textos do crítico romântico Antonio Joaquim de Macedo Soares, que contribuiu com ideias, no mínimo, originais, sobre o assunto.

Muito citado e pouco estudado, Macedo Soares pode ser considerado também um dos iniciadores da crítica militante no Brasil. Tendo publicado o romance *Nininha* (1859), o livro de poemas *Meditações* (1889) e duas coletâneas de poemas de autores brasileiros, intituladas *Harmonias brasileiras* (1859) e *Lamartinianas* (1869), veio a chamar a atenção principalmente pelos textos críticos publicados nos periódicos: *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* (1851-64), *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano* (1852-63), *Correio Paulistano* (1854-) e *Revista Popular* (1859-62). Seus ensaios ainda hoje esparsos, uma vez que, em vida, não conseguiu reuni-los sob o título *Ensaio de análise literária*, conforme planejara, figuram em antologias como *Textos*

15 AMORA, Antonio Soares. *A literatura brasileira*, v. II: O romantismo. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 57.

16 BROCA, Brito. *Horas de Leitura*. 1ª e 2ª séries (Coord. A. Eulálio, Org. C. E. O. Berriel). Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 122.

que interessam à história do romantismo (1863), de José Aderaldo Castello, *Caminhos do pensamento crítico* (1972), de Afrânio Coutinho, e, mais recentemente, em *O berço do cânone* (1998), de Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira, carecendo com certa urgência, portanto, de serem reunidos em livro para poderem circular e serem devidamente avaliados por um número cada vez maior de leitores críticos.

Nos ensaios de Macedo Soares, há marcas de análise sensível e detalhada de textos de autores brasileiros, que nos indiciam talvez a existência de uma primeira crítica de fatura, distinguindo-se assim dos demais críticos de sua época que costumavam redigir principalmente visões panorâmicas da literatura brasileira, sob a forma de bosquejos, ou biografias literárias, organizadas em galerias ou panteons, conforme registro de Antonio Candido em “A consciência crítica”, capítulo final de seu monumental ensaio historiográfico-literário *Formação da literatura brasileira*.

Carioca da vila de Maricá, província do Rio de Janeiro, iniciou seus estudos no Seminário Episcopal e, ao perceber que não tinha vocação religiosa, transferiu-se para São Paulo, onde estudou Direito na antiga faculdade do Largo São Francisco, no período de 1857 a 1861.

Suas atividades críticas concentraram-se no final da década de 1850 e início dos anos 1860, sendo visto pelo Candido como “a melhor cabeça crítica” de sua geração:

Mas parece que a única vocação predominantemente crítica seria a de Macedo Soares, logo desviada para o Direito. Os seus artigos nas revistas acadêmicas são muito bons, como forma e pensamento. Embora apaixonado pelo nacionalismo literário não lhe faltou (sic) compreensão de outros rumos da poesia, como se pode ver nos estudos que dedicou a Bernardo Guimarães e Junqueira Freire.¹⁷

Num momento em que a literatura e, em especial, a crítica brasileira estavam voltadas para esta questão, Macedo Soares não fugiu à regra, mas trouxe à cena uma curiosa visão do que fosse a nacionalidade da literatura brasileira: nacionalidade e originalidade como termos inseparáveis, que deveriam reger, com “fé e trabalho”, a construção das representações da brasilidade, pondo assim em xeque o princípio romântico de “desordem e gênio”.

Apoiado na questão da nacionalidade, defendeu no Prefácio a *Harmonias brasileiras* o seguinte ponto de vista:

17 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, vol. 2., 4. ed. São Paulo: Martins, 1971, p. 357.

Já se pensa na necessidade de nacionalizar-se a ideia em todas as ordens de conhecimentos, e na aplicação dos princípios herdados da ciência dos nossos maiores e das artes que nos vêm de fora.

Nas academias, ouve-se a voz dos mestres pugnar pela nacionalização do direito.

Nas associações literárias, discutem-se os elementos da nacionalização da literatura, as fontes de vida da arte.

É, enfim, a nacionalidade a palavra mágica que ocupa o pensamento calmo e severo do homem de Estado, que faz vibrar a voz do professor, que eletriza o coração dos mancebos.

Mas é sobretudo na poesia que se torna mais sensível esta necessidade da manifestação do espírito brasileiro.¹⁸

A defesa radical do nacionalismo levou-o a opor-se ao cosmopolitismo romântico de cunho nacionalista de *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães (1811-82), nem um pouco original, uma vez que, para ele, era preciso haver originalidade nas formas nacionais, como se pode observar na leitura que fez de *Flores silvestres*, de Bittencourt Sampaio:

Eu não sei, apesar da opinião respeitada do dr. J. Norberto, como se separar a originalidade da nacionalidade: porquanto ser nacional, isto é, de seu século e país, equivale a ter feições próprias suas, um caráter distinto e peculiar, uma fisionomia original; e não é nacional a literatura que não distingue um povo na comunhão de outros povos. Sem crenças, nem tradições, despida de cores locais, carecedora de cunho da imaginação popular, a poesia cosmopolita pertence a todos *pro indiviso*, entra no domínio das ideias gerais de que todos podemos apropriar-nos sem plágio.¹⁹

Além disso, Macedo Soares opôs-se também ao cosmopolitismo de influência byroniana, na sua opinião, “tão bem interpretado por Álvares de Azevedo (1831-

18 MACEDO SOARES. Prefácio a *Harmonias brasileiras*. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 274.

19 Idem. Ensaio de análise literária. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*, vol. II. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, p. 90.

-52), mas tão mal compreendido e pior executado por aqueles que muito de perto o seguiram”²⁰

Por isso talvez ele tenha elegido tanto a americanidade expressa nos chamados poemas americanos de Gonçalves Dias, quanto a universalidade da poética de Álvares de Azevedo como as principais vertentes da poesia brasileira de seu momento, numa forma de combater o estrangeirismo dos poetas brasileiros contemporâneos ao cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846):

Temos, de um lado, um laço de afinidade que liga a nossa literatura à literatura dos outros povos, e esse laço apertando-se tanto mais quanto avançamos na civilização que bebemos principalmente nos livros franceses, que nos iniciam nos mistérios da ciência. De outro lado, é o caráter de nacionalidade que ela toma; o majestoso espetáculo de nossa natureza virgem não podia deixar de produzir esses belos cantos do Sr. Gonçalves Dias que por excelência caracteriza esta face da nacionalidade pela qual deve ser considerada.²¹

Vale dizer, no entanto, que, mesmo reconhecendo em Gonçalves Dias o caminho mais adequado a ser trilhado, ao escrever sobre *Sombras e sonhos*, de João Alexandrino Teixeira de Melo, registrou a existência, em *Os Timbiras*, de “demasiada profusão de cores, cruzam-se ornatos como as laçarias de um templo gótico, sobre as quais mal podem fixar-se por momentos os olhos do observador”²²

Ainda neste texto, observa que o amor à natureza de que falam os alemães tem sido diversamente sentido no continente americano, e parte para um estudo comparativo curiosíssimo entre a representação do sentimento da natureza nas literaturas norte-americana e brasileira. Diz ele:

Procedem o brasileiro como o norte-americano, da mesma natureza, são ambos filhos das selvas, extasiam-se ambos ante a majestade da vegetação do novo mundo; mas o poeta do Norte acha no trabalho a filosofia prática da vida, ao passo que nós buscamos no repouso a felicidade mundana.²³

20 Idem. Prefácio a *Harmonias brasileiras*. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Op. cit., p. 275.

21 Idem. Tipos literários contemporâneos. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. Op. cit., p. 121.

22 Idem. Ensaios de análise literária. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. Op. cit., p. 84.

23 Idem, p. 83.

Isso me leva a registrar, em Macedo Soares, outras questões além da existência do já citado instinto de americanidade, a presença de certo “comparatismo difuso e espontâneo”, expressão utilizada por Antonio Candido, para nomear uma espécie de comparatismo presente “na filigrana do trabalho crítico desde o tempo do romantismo, quando os brasileiros afirmaram que a sua literatura era diferente da de Portugal”.²⁴

Vale ressaltar, porém, que Macedo Soares ultrapassa em alguns momentos o limite das “aproximações reconfortantes”, comumente usadas pelos críticos brasileiros que, segundo Candido,

[...] pareciam sentir melhor a natureza e a qualidade dos textos locais quando podiam referi-los a textos estrangeiros, como se a capacidade do brasileiro ficasse justificada pela afinidade tranquilizadora com os autores europeus, participantes de literaturas antigas e ilustres, que, além de influírem na nossa, vinham deste modo dar-lhe um sentimento confortante de parentesco.²⁵

No caso de Macedo Soares, a aproximação era com os autores americanos, o que, de alguma maneira, reveste o seu olhar naquele tipo de investida comparatista que Tânia Franco Carvalhal, muito apropriadamente, nomeou de crítica de dupla mirada, ou seja, “uma crítica que não se confina em limites traçados apriorística ou externamente ao literário e que hesita em estabelecer nexos e ultrapassar o seu campo primeiro de observação sempre que necessário”.²⁶

Este conceito, entretanto, foi pensado em função das relações que se observam no discurso da crítica brasileira nas suas articulações com as literaturas latino-americanas:

Assim, de natureza impressionista com orientação sociológica, seguindo padrões de época, o olhar do historiador atravessa fronteiras geográficas e políticas em um procedimento que poderíamos considerar supranacional. Dessa atitude se depreende a inclinação comparatista do autor, pois os juízos de valor que emite se amparam nos confrontos e na identificação de contrastes. É claro que se trata ainda de um comparatismo espontâneo e assistemático. No entanto, essa atuação crítico-históriográfica evoca uma questão

24 CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 211.

25 Idem.

26 PALERMO, Zulma (Coord.). *El discurso crítico em América Latina II*. Buenos Aires: Corregidor, 1999, p. 124.

hoje substantiva: a da necessidade de pensarmos a literatura brasileira na sua articulação com as demais literaturas latino-americanas ou, pelo menos, no conjunto das regiões contíguas, no caso, a que se convencionou chamar de Cone Sul.²⁷

Reviendo e ampliando este conceito, no sentido de fazê-lo abranger as relações da crítica brasileira nas suas articulações com as literaturas do continente americano, considero a investida comparatista de Macedo Soares como sendo já um interessante exercício de crítica de dupla mirada, na medida em que seu texto abre brechas para essas possibilidades:

Fenimore Cooper e Longfellow descrevem a natureza como uma fonte de beleza espiritual, como um objeto digno de veneração; descrevem-na os nossos poetas como uma fonte de prazeres de outra ordem, desses que nos dá o sossego do espírito em descuidado vagar. Mais analistas, os poetas norte-americanos estudam e compreendem melhor o coração humano; há mais filosofia em suas poesias, mais elevação na ideia, mais vida, porém dessa vida calma e tranquila a que acostumam os hábitos do trabalho. Nós nos deixamos ficar pela rama; poetizamos com mais fogo, mais sentimentalismo, é mais brilhante a nossa imaginação, mas tudo é exterior, quase tudo convencional.²⁸

Ao traçar a diferença entre a representação da natureza pelos artistas norte-americanos e brasileiros, Macedo Soares acaba fixando de maneira primorosa a diferença entre o caráter nacional destas duas literaturas:

Nos Estados Unidos, a autonomia do pensamento individual deve necessariamente prestar mais força e vigor à forma lírica do ideal poético; no Brasil, há um certo panteísmo, tanto recebemos a vida da ação do poder que não nos resta a autonomia da individualidade; aqui, a epopeia deve ser a forma estética do espírito nacional: tudo quanto for a saga, o *epos*, a narração onde se assimilam os autores aos atores, subordinados ambos à fatalidade dos sucessos, há de condizer com os nossos hábitos sociais.²⁹

27 Idem, p. 123.

28 MACEDO SOARES. Ensaios de análise literária. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. Op. cit., p. 83.

29 Idem, p. 83-4.

Desta diferença decorre a existência de sobriedade de imagens, menos descrições e mais elevação de ideias na poesia norte-americana, ao contrário do que infelizmente acontece na poesia brasileira. Para Macedo Soares, o defeito capital dos nossos poetas estava “na maneira errada por que tem sido compreendido o nacionalismo na arte. Tem-se feito deste caráter de toda a verdadeira poesia um sistema, quando não devia ser senão uma condição local, necessária embora, de sua projeção no espaço e no tempo”.³⁰

Ainda referente à nacionalidade literária, Macedo Soares surpreende quando trata da dificuldade da poesia nacional como expressão da realidade, registrando, com muita pertinência:

[...] querem uns a realidade nua, tal qual existe saída das mãos do Criador ou formada pelos homens. Pretendem outros que a poesia deve modificar a realidade, corrigindo-a, engrandecendo-a, moldando-a no palheiro do prosaísmo, exaltando-a, enfim, à altura do ideal. Esta opinião parece-me mais acertada, mais conforme com a natureza da poesia, que não deve limitar-se à cópia da natureza, mas sim à sua interpretação, na vitalidade do espírito que a anima.³¹

Convém assinalar que isto foi dito em 1860, significando, portanto, que ele antecipou algumas ideias cujo mérito a história literária costuma atribuir a Machado de Assis, que, na verdade, só veio a opinar sobre o assunto em ensaios que datam do final da década de 1870, em pleno momento realista.

Neste sentido, vale acrescentar que há outros momentos em que os textos de Macedo Soares remetem ao bruxo do Cosme Velho. Digo isto pensando principalmente em “Da crítica brasileira”, publicado em 1860, na *Revista Popular*, no qual se percebe o germe de algumas ideias brilhantemente eternizadas em “O ideal do crítico”, publicado em 1865, no *Diário do Rio de Janeiro*.

O centro de atenção de Macedo Soares no texto “Da crítica brasileira” é o ensaio crítico praticado nos principais periódicos do país, segundo ele, constituído por estudos e opiniões apressadas com o objetivo de responder à demanda jornalística da época.³²

30 Idem, p. 84.

31 Idem, p. 96.

32 BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997, p. 401.

Para Macedo Soares, “a crítica estudiosa e imparcial, que consagra e lustra quando não retifica o juízo do público, jaz ainda no limbo”.³³

Além disso, aconselha aos que escrevem ou pretendem escrever no Brasil:

Formem um centro literário que não seja simplesmente histórico e geográfico, os literatos reconhecidos pelo país: convoquem as vocações, e deem-lhes que fazer: instituem uma revista literária sob uma direção inteligente e severa: estabeleçam um sistema de crítica imparcial e fortalecido com sólidos estudos da língua e da história nacionais, porque a reflexão e a análise hão de sempre acompanhar *pari passu* as manifestações divinas e espontâneas da inspiração. Sem o trabalho contínuo e regular, sem esta lei elementar das criações duradouras jamais conseguir-se-á uma literatura rica, poderosa e digna de ser contada entre os grandes focos da ilustração humana.³⁴

Em sua trajetória relativamente curta como crítico literário, Macedo Soares levantou e tratou, de forma bastante original, aspectos interessantes, referentes à ainda incipiente teoria literária brasileira; optei, no entanto, por pinçar apenas alguns índices referentes à americanidade e à nacionalidade da literatura brasileira, índices da crítica de dupla mirada do comparatista espontâneo cujas ideias precisam ser recuperadas e recolocadas em circulação.

Luiz Roberto Cairo é professor de Literatura Brasileira e Literatura Comparada no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp-Assis. Autor de *O salto por cima da própria sombra: o discurso crítico de Araripe Júnior – uma leitura* (Annablume, 1996) e de ensaios e artigos de crítica e história literária publicados em coletâneas e periódicos nacionais e estrangeiros.

33 COUTINHO, Afrânio (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*, vol.1. Rio de Janeiro: Pallas, 1980, p. 276.

34 Idem, p. 279-80.